

Aquilombamento e escrevivência na literatura brasileira contemporânea

Aquilombamento y escrevivência en la literatura brasileña contemporánea

Aquilombamento and escrevivência in Contemporary Brazilian Literature

AUTOR

Harlon Homem de Lacerda Sousa*

harlonhomem@ors.uespi.br

* Professor adjunto-IV de Literatura da Universidade Estadual do Piauí - Campus Professor Possidônio Queiroz (UESPI-OEIRAS, Brasil).

RESUMO:

O presente texto é o recorte de uma investigação de pós-doutoramento que se fundamenta nas contribuições de pensadoras e pensadores amefricanos e originários do Brasil para discutir a literatura brasileira contemporânea e a teoria da narrativa literária sob outros eixos paradigmáticos de pensamento. Aqui temos o Aquilombamento como relação de ancestralidade e constituição de uma tradição estético-formal do ponto de vista diacrônico e sincrônico. E a escrevivência como metaestilo literário de organização e mobilização das categorias narrativas a partir de experiências coletivas e individuais, sobrepostas, materializadas num texto. Essas duas categorias, aprofundadas por Conceição Evaristo, articulam-se a partir das noções de cosmopercepção da pensadora iorubá Oyewùmí (2021) e de confluências e contracolonialismo do pensador quilombola Antônio Bispo dos Santos, o Nego Bispo (2023).

RESUMEN:

El presente texto constituye un extracto de una investigación posdoctoral que se fundamenta en las contribuciones de pensadoras y pensadores amefricanos y originarios de Brasil para analizar la Literatura Brasileña Contemporánea y la Teoría de la Narrativa Literaria desde otros ejes paradigmáticos de pensamiento. Se aborda el *Aquilombamento* como una relación de ancestralidad y como la constitución de una tradición estético-formal desde una perspectiva diacrónica y sincrónica; y la *escrevivência* como un metaestilo literario de organización y movilización de las categorías narrativas a partir de experiencias colectivas e individuales superpuestas, materializadas en un texto. Estas dos categorías, profundizadas por Conceição Evaristo, se articulan con las nociones de *cosmopercepción* de la pensadora yoruba Oyewùmí (2021) y de confluencias y contracolonialismo del pensador *quilombola* Antônio Bispo dos Santos, conocido como Nego Bispo (2023).

ABSTRACT:

This text is an excerpt from a postdoctoral research project grounded in the contributions of Amefrican and Indigenous Brazilian thinkers to examine Contemporary Brazilian Literature and Literary Narrative Theory from alternative paradigmatic perspectives. It approaches *Aquilombamento* as a relation of ancestry and as the constitution of an aesthetic-formal tradition from both diachronic and synchronic perspectives; and *Escrevivência* as a literary meta-style that organizes and mobilizes narrative categories based on overlapping collective and individual experiences materialized in a text. These two categories, further developed by Conceição Evaristo, are articulated through the notions of cosmoperception proposed by the Yoruba thinker Oyewùmí (2021) and of confluences and countercolonialism developed by the quilombola thinker Antônio Bispo dos Santos, known as Nego Bispo (2023).

1. Apresentação

A literatura brasileira contemporânea apresenta uma diversidade de obras e autores e autoras, que oferecem aos leitores e leitoras a impressão de uma verdadeira democracia racial e intelectual do país, principalmente com relação aos temas de cada obra. Assim tem sido a recepção da literatura brasileira desde o século XIX: uma variedade de títulos que tratam do exotismo e da exuberância de uma literatura pujante e preocupada com o engajamento social. Sabemos que tais mitos são patrocinados não apenas pelo mercado editorial brasileiro, mas por boa parte da *intelligentsia* tradicional brasileira. Nesse sentido, este trabalho questiona essa afirmação, buscando contribuir com outros elementos para estabelecer um debate mais amplo.

Torna-se necessário problematizar o mito da democracia racial brasileira presente na historiografia e na crítica cultural. Ela não existe e nunca existiu, nem na literatura. Mas, os temas de cada obra apresentam, sim, a diversidade e a exuberância brasileiras a partir de uma visão de mundo característica de cada estilo, estética e autoria. Entretanto, queremos situar outro aspecto da contribuição brasileira à literatura: a forma. Há um outro mito amplamente discutido na teoria da narrativa literária de que o romance é uma forma europeia. Não há dúvidas aqui. Porém, principalmente, no que entendemos por contemporaneidade, a literatura brasileira apresentou ao mundo novas formas de produção narrativa.

Uma das principais inovações formais foi construída, em nossa perspectiva, pelo escritor mineiro João Guimarães Rosa em sua obra inaugural, *Sagarana*, em 1946. É a partir desta obra que demarcamos o nosso limite temporal do que chamamos de literatura brasileira contemporânea. A obra de Guimarães Rosa publicada ao longo de duas décadas (1946-1967) é um divisor de águas em nossa literatura e fonte de inspiração para dezenas, talvez centenas, de outros escritores e escritoras, abrindo uma nova era na produção literária brasileira e na maneira de construir narrativas. Podemos dizer até que a inovação formal narrativa já existia antes de Guimarães Rosa, mas foi a obra dele que abriu a outros escritores e escritoras a possibilidade de alcançar as casas editoriais e as mesas da crítica literária profissional. O fato de Rosa ser homem, branco, ter uma carreira de diplomata, ser poliglota, obviamente, ajudou muito na recepção grandiloquente de sua obra antes de qualquer outra pessoa que pudesse escrever num estilo semelhante ou próximo ao dele. A própria conjuntura política, social e estética da literatura brasileira até 1945 também é fator que importa aqui. Mas muito já se falou e escreveu sobre a obra rosiana.

A inovação formal já foi discutida em estudo anterior (Sousa, 2019), o romance arquitetônico, que Rosa trouxe para a literatura. Interessa-nos agora tratar de outras inovações que a literatura brasileira traz para a narrativa e que marcam possibilidades de diferentes abordagens dentro da teoria. Nossos paradigmas neste trabalho são as ideias de aquilombamento e escrevivência, que tomam corpo e forma a partir da obra de Conceição Evaristo, mas que carregam uma nova cosmopercepção da literatura brasileira, da narrativa, da teoria literária etc.

2. Aquilombamento e cânone

A literatura brasileira é ou está inscrita tradicionalmente como parte da literatura ocidental, de língua portuguesa, com forte influência nas literaturas portuguesa, francesa e inglesa - portanto, com fortes e dependentes traços de uma visão de mundo eurocêntrica. Entretanto, ao olharmos para a literatura brasileira contemporânea, observamos um movimento crescente de mudança de eixos. Basta pensarmos em Ana Maria Machado, Itamar Vieira Júnior, Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Geni Guimarães, Daniel Munduruku, Ailton Krenak, Davi Kopenawa

PALAVRAS-CHAVE

Aquilombamento;
escrevivência;
cosmopercepção;
contracolonialismo;
confluências.

PALABRAS CLAVE

Aquilombamento;
escrevivência;
cosmopercepción;
contracolonialismo;
confluencias.

KEYWORDS

Aquilombamento;
escrevivência;
cosmoperception;
countercolonialism;
confluences.

Recibido:

11/11/2025

Aceptado:

13/05/2026

e no crescente interesse que esses e outros escritores e escritoras têm despertado nas universidades e num público cada vez mais diversificado na América Latina, África e Europa. É comum conhecermos a influência de Jorge Amado, Graciliano Ramos, Mário de Andrade, Guimarães Rosa em todo o mundo, não apenas de língua portuguesa. Mas o que propomos aqui é que a literatura brasileira não é apenas ocidental. Ela é também contraocidental, contracolonial, iorubá, bantu, amefricana, originária. Essas outras classificações da literatura produzida no Brasil podem ser vislumbradas como parte de um movimento decolonial, inseridas ainda em paradigmas ocidentais, ou, como preferimos, parte de um aquilombamento crescente e sistemático de uma literatura, em sua maior parte narrativa, que se apresenta, fundamenta e se materializa com uma força ancestral que destrona até mesmo a ideia de “visão de mundo” (ou *Weltanschauung*) e se erige sobre uma cosmopercepção.

Ou seja, a noção eurocêntrica de materialidade do olhar sobre o mundo para entendê-lo e representá-lo a partir da “pureza” dos olhos e olhares perde sentido diante de uma maneira de compreender o mundo a partir de todos os sentidos e da própria corporalidade, do pertencimento a um grupo ou lugar, da consciência de que a realidade não pode ser abarcada apenas com os olhos, com a visão, mas com o corpo inteiro e este corpo está intimamente entranhado à terra, ao passado, ao presente e ao futuro, numa circularidade fundante que associa obras literárias não apenas com a *mimesis*, mas com a ancestralidade. É neste sentido que a noção de aquilombamento sobrepõe-se à noção de “cânone” ou mesmo de “tradição” (no sentido linear e cronológico). Aquilombamento aqui é a própria maneira de perceber e organizar a literatura produzida sob um paradigma de representação coletiva e individual ao mesmo tempo, ancestral e engajado no presente para a construção do futuro (sankofa). Ao elencarmos alguns escritores e algumas escritoras como destaque desta produção contemporânea, não podemos deixar de citar marcos simbólicos como Esperança Garcia, Maria Firmino dos Reis, Luís Gama, Lima Barreto, os Cadernos Negros e outros. Numa mesma pegada, esta literatura de aquilombamento pode ser compreendida como uma literatura amefricana e originária que deixou o silêncio, que escolheu não calar. Uma literatura que não se dissocia por inteiro do eixo colonial/ocidental, mas que o usa como ferramenta para apresentar outros eixos e outras maneiras de representar o mundo, o ser humano, a vida.

Quando sobrepomos a noção de aquilombamento à de cânone, estamos lançando um manifesto em defesa do que muitos manuais e compêndios de literatura chamam de “subliteratura” porque carregados de preceitos estéticos que valorizam, universalizam e centralizam como dominantes características eurocêntricas e ocidentais. A noção de aquilombamento é um “risco no chão”, uma linha de resistência e existência para juntarmos as obras literárias que dizem não à colonialidade. A partir do aquilombamento podemos, e este é o nosso interesse, redefinir e repensar uma série de conceitos, categorias e filosofemas que povoam a teoria literária desde Platão, aprofundando-se nos Russos do século XX vindo até hoje. A partir do aquilombamento podemos apresentar a narrativa como uma forma humana não determinada por esta ou aquela teoria específica e engessada, mas por uma teoria que possa ser construída a partir das narrativas e não apesar delas. Propõe-se, assim, um deslocamento crítico da noção de cânone, priorizando uma perspectiva de aquilombamento como alternativa paradigmática de organização literária. Aquilombemo-nos.

3. Escrivência: forma de um conteúdo

É nesse espírito de aquilombamento que o conceito de escrevivência emerge como uma categoria narrativa que conflui para a compreensão do texto não apenas escrito, mas vivido e falado. Junto à escrevivência temos a relação entre oralidade e literatura (a *oralitura*) determinando como a produção narrativa requer técnicas de contar histórias, de tecer discursos que vão além do mundo “scriptocêntrico”. Em 1770, Esperança Garcia escreveu uma carta-denúncia contra a violência de seu capataz e naquela carta já havia escrevivência, um estilo de narrar e tornar coletiva a narrativa. De lá para cá, a relação entre oralidade e escrita foi percebida pelas forças centralizadoras como um desvio normativo e, por muito tempo, tal relação foi “desmotivada” pela literatura nacional. É apenas no século XX que as forças centralizadoras da língua e da inteligência brasileira irão assumir como proposta estética a relação entre oralidade e escrita em suas narrativas.

A partir da obra de João Guimarães Rosa, tal relação se torna inevitavelmente quase uma norma estética da literatura brasileira. Assim, a escrivência recebe uma “autorização” para existir e tornar-se literatura. Além da necessária relação entre oralidade e literatura, a noção de escrivência como uma narrativa de experiência assume outra característica fundamental. Não se trata aqui da “narrativa de si”, mas da narrativa de nós. A narradora, a personagem conta uma história que é dela, mas que é também de seu povo, de sua raça, de seu lugar, de sua ancestralidade. Não há como individualizar a narrativa pautada na escrivência, pois ela é construída por memórias coletivas e de pertencimento a um grupo social e estético que requer, reivindica a coletividade. No conto *Olhos d’água*, no livro homônimo, de Conceição Evaristo podemos ver materializada a noção de escrivência, por exemplo, no trecho “Hoje, quando já alcancei a cor dos olhos de minha mãe, tento descobrir a cor dos olhos de minha filha. Faço a brincadeira em que os olhos de uma se tornam o espelho para os olhos da outra” (2014, p. 19). Quando elencamos a escrivência como a forma de um conteúdo é para compreendermos que não se trata da representação de temas e acontecimentos, mas de uma maneira de narrar, de uma decisão estética que é estilo e resistência ao mesmo tempo e reconfigura a realidade a partir da relação entre tempo (passado, presente e futuro) circular e espaço.

Os exemplos podem se avolumar, embora não caibam neste espaço de fala. Mas, podemos pensar também no livro *Torto arado*, de Itamar Vieira Júnior, quando uma entidade espiritual se torna narradora ou quando Carolina Maria de Jesus, através de sua narradora, conta o cotidiano num *Quarto de despejo*. Conforme argumentado anteriormente, a forma da narrativa transformou-se na literatura brasileira ao longo do tempo e a literatura brasileira transformou a forma do romance, do conto. A partir da concepção de escrivência como a forma de um conteúdo podemos verificar outras categorias narrativas sendo redimensionadas a partir das obras e apesar das teorias. É neste sentido que propomos em nossa investigação de pós-doutoramento uma abordagem de teoria da narrativa literária sob uma cosmopercepção amefricana e contracolonial (o livro resultado desta pesquisa intitulado *Cosmologias da Literatura: cosmopercepções contracoloniais e amefricanas* está disponível em formato digital no sítio eletrônico da Editora da Universidade Estadual do Piauí, publicado em março de 2026).

4. Notas para uma narrativa amefricana e contracolonial

“O contracolonialismo é simples: é você querer me colonizar e eu não aceitar que você me colonize, é eu me defender. O contracolonialismo é um modo de vida diferente do colonialismo” (Santos, 2023, p. 58). Antônio Bispo dos Santos, pensador quilombola mais conhecido como Nêgo Bispo (que ancestralizou em 2023) é reconhecido como um ativista da liberdade de pensar e criar. Ao construir a noção de contracolonialismo ele nos dá a possibilidade de avaliarmos as bases do pensamento amefricano direcionando este pensamento para fora da colonialidade e para uma radicalização da decolonialidade em literatura, uma vez que tal pensamento vem se desenvolvendo principalmente nas Ciências Sociais, Economia etc. Quando propomos uma reflexão teórico-filosófica da narrativa literária amefricana e contracolonial acreditamos estar construindo uma nova possibilidade de compreensão da forma da narrativa que já passou por tentativas de assassinato como a morte do autor, ou a morte da própria narrativa.

Assim, acreditamos que existem várias possibilidades de refletir sobre a narrativa, sobre a literatura, partindo de um pensamento não-ocidental, não eurocentrado, contracolonialista e amefricano. E todas estas possibilidades podem ser realizadas através do diálogo com a epistemologia eurocêntrica. Não se trata aqui de reivindicar uma teoria nova ou de submeter milênios de reflexão (majoritárias ou quase únicas nas universidades) a novas terminologias, mas de construir uma teoria da narrativa literária que leve sim para o centro aquilo que é tratado como periferia. Aquilo que sequer é considerado em dezenas de manuais de teoria que circulam pelos cursos de Letras, por exemplo, até hoje. Para alterarmos as ementas das disciplinas, produzir um conhecimento que possibilite alternativas para adiarmos o fim do mundo, como pondera Ailton Krenak, e que seja replicado por docentes e discentes universitários e universitárias, comunitários, quilombolas etc.

Dentro desta esteira é imperativo citarmos a centralidade do pensamento de Lélia Gonzalez, a criadora do termo amefricano, para a nossa proposta de abordagem. Esta intelectual brasileira foi precursora de uma série

de reflexões sobre a condição do negro latino-americano, do indígena e da própria organização e recepção do negro na universidade. Junto do pensamento de Gonzalez, reivindicamos a importância de Abdias Nascimento a partir do quilombismo e de outras reflexões na esteira do panafricanismo e sobre a situação do negro no ocidente. A contribuição de Sueli Carneiro, uma de nossas mais importantes pensadoras da atualidade, é fundamental aqui como elemento de reflexão da metafísica que permeia as nossas questões. A elas e eles, soma-se a voz já referida aqui do Nego Bispo, que se levanta contra o academicismo abstracionista, racista e segregacionista que se plasmou ao longo de séculos na universidade brasileira e continua determinando boa parte do pensamento daquele país. É importante ainda apresentarmos a importância de estudos da chamada ecocrítica que, em trabalhos como o de Maria Esther Maciel (2016), abordam e/ou denunciam o fracasso do pensamento “ocidental” diante de questões fundamentais (como a bioética, por exemplo). É a partir de um necessário reposicionamento da teoria da narrativa literária pautado num pensamento contraocidental e contracolonial (nesse caso, quase sinônimos) que apresentamos estas primeiras ideias, ainda em aprofundamento e reflexão iniciais, para que tenhamos a possibilidade de uma teoria literária que acompanhe a narrativa não eurocentrada e possa demonstrar como a forma narrativa se constrói sob outros paradigmas de compreensão do mundo ou, como preferimos, sob uma cosmopercepção.

5. Cosmologias da Literatura

Cosmologias da literatura são um conjunto de argumentos racionais, sentimentais, emocionais, que reúnem categorias e conceitos organicamente construídos com textos e/ou atos performativos estético-literários orais e/ou escritos, e apresenta percepções e interpretações do mundo. A base para as cosmologias da literatura são as cosmopercepções contracoloniais e amefricanas. Perceber e interpretar o mundo são atividades humanas pluriversais desenvolvidas a partir do corpo e dos sentidos, construídas através de sentimento e pensamento, inseridas num território e num tempo. Cada comunidade percebe e interpreta o mundo de uma maneira que pode sugerir semelhança e proximidade com as maneiras de perceber e interpretar de outras comunidades ou sugerir abismos intransponíveis entre comunidades, traduzíveis apenas em sua superficialidade aparente, conceitual e primeira. Além de óbvias multiplicidades linguísticas, que podem ser intransponíveis para a proximidade entre comunidades, há três macrocategorias que, na contemporaneidade, são o próprio abismo entre comunidades/pessoas de todo o mundo: colonialismo, capitalismo, heteropatriarcado. Três macrocategorias interdependentes em que uma não se diferencia ou não se separa da outra a não ser em especificidades pontuais. Elas contaminam absolutamente todas as relações e não é possível mover-se no mundo sem se posicionar diante delas. Portanto, ao termos como base as cosmopercepções contracoloniais e amefricanas, estamos tomando um posicionamento que é histórico, político, social, ideológico e epistemológico inegociável. Sentir e perceber o mundo cosmologicamente, a cosmopercepção, implica uma organicidade que transcende qualquer diferença entre natureza e cultura.

O corpo, individual e coletivo, é a unidade de expressão e materialização do ato estético-literário. Através e a partir do corpo, o território, a comunidade, a vida, o mundo, a ancestralidade, a língua se realizam possibilitando a construção de conhecimentos em diversos níveis. O texto escrito ou o ato performativo fotografado (desenhado/pintado) e/ou gravado em áudio/vídeo são a extensão do corpo individual/coletivo no espaço e no tempo. Literatura, portanto, é um conceito redimensionado a partir de um movimento contracolonial de ocupação de palavras que passam a servir e a significar de acordo com o sentir/pensar fundado na cosmopercepção. Como extensão do corpo individual/coletivo, a literatura é uma, entre várias, forma de conhecimento e de plurissignificação: ao tempo em que representa o mundo, ela o interpreta e abre diversas outras possibilidades de percebê-lo e (re)interpretá-lo/senti-lo. A interpretação aqui é sempre uma atividade de sentir/pensar para configurar, reconfigurar, desconfigurar o mundo. É sempre uma atividade coletiva que implica na relação horizontal entre dois ou mais corpos individuais/coletivos: aqueles que criam e aqueles que co-criam/recriam. Tudo o que foi apresentado até aqui tem como referências pessoas que, de alguma forma, posicionaram-se diante do mundo a partir de perspectivas autônomas de reflexão. Do ponto de vista ético é importante trazer essas pessoas aqui para seguir a discussão junto com elas. Entretanto, uma ressalva é necessária. Pensar junto com algumas pessoas, em temas específicos, não implica concordância tácita e cega com nenhuma delas em outros campos de suas trajetórias. Todas as

peessoas que compartilham essa caminhada fizeram escolhas em suas vidas e carregam as consequências. A incorporação dessas referências implica posicionamentos teóricos assumidos no interior do debate contemporâneo. As Cosmologias da Literatura como apresentadas até agora têm como principais referências as ideias e pensamentos de pessoas com quem estamos a sentir/pensar durante estas conversas. Trajetória, contracolonialidade, circularidade, envolvimento, ocupação de palavras e, principalmente, cosmologias são pensadas aqui junto e a partir dos ensinamentos de Antonio Bispo dos Santos, Nego Bispo.

A ocupação de palavras é um método fundamental no processo de construção do pensamento contracolonial. A metáfora que utilizamos como processo metodológico contracolonial é, como fica evidente, inspirada no processo de resistência coletiva e organizada realizada pelo Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) e Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST). Ocupar a terra improdutiva ou o imóvel que não desempenha a função social da moradia é um mecanismo de reivindicação de direitos fundamentais. A partir da ocupação, a terra ou o imóvel são protegidos, trabalhados e são reutilizados de acordo com necessidades vitais (orgânicas) e fundamentais das pessoas. Diferente das características devolutas ou improdutivas que mantinham quando de propriedade do Estado, do capital ou de herdeiros. Quando empregamos a lógica da ocupação para conceitos e palavras, observamos um processo similar. Nego Bispo percebe palavras que são improdutivas, estanques e as ocupa transformando o seu significado, seu sentido e atribuindo um valor outro, orgânico, carregado de valor social. Palavras que, sob a propriedade do Estado (instituição), capital (academia) ou de herdeiros (tradição), não desempenham a sua função ou que podem desempenhar uma função com significado para as pessoas. Enquanto a terra fica degradada ou é gerida sob bombardeio dos mais variados venenos, pelo Estado ou capital, no modo orgânico de uso da terra, ela ganha significado circular. As palavras, como a terra, esvaziam-se quando utilizadas de modo mecânico, meramente repetitivo, sem reflexão.

A comparação entre o método do MST/MTST e o de Nego Bispo é profícuo, pois, ao compreendermos o funcionamento de determinados conceitos e sua refundação a partir da ocupação orgânica podemos aplicá-la a outros conceitos, métodos, epistemologias etc. é importante ainda compreender que a metáfora se estende para além. O MST/MTST ocupa apenas lugares sem o uso constitucional adequado, promovendo o litígio e a subsequente propriedade para as famílias que precisam. No nosso caso, as palavras/conceitos passíveis de serem ocupadas são aquelas que se esvaziaram. Aqueles que estão em uso adequado, com valor social, orgânico, não precisam de ocupação. Essa observação é importante para compreender que o processo de ocupação de palavras não reivindica a refundação do conhecimento da humanidade e a sua revisão integral.

A ocupação de palavras, como denominamos o método de Nego Bispo, organiza o pensamento a partir de bases epistemológicas outras e contra hegemônicas. O “inimigo”, colonizador/capital/instituição, é a hegemonia eurocêntrica. Esta é uma das bases metodológicas da contracolonialidade. Os vários conceitos do “jogo de palavras” de Nego Bispo fornece-nos matéria para refletir sobre o mundo e a vida, sobre o próprio conhecimento. Assim, o conceito de cosmologia/cosmológico é ocupado e contracolonalizado em sua ontologia. Para Nego Bispo, cosmologia/cosmológico é um modo orgânico e integral de ser/pensar/sentir/viver. Destacamos seis momentos em que ele evidencia o conceito: 1) “Falamos de cosmologia em vez de falar de teoria ou ideologia. Falamos de território, em vez de falar de fábrica. Falamos de aldeia, quilombo e terreiro, em vez de espaço de trabalho. O mundo do trabalho não é mais o mundo em debate, não está mais impondo a pauta, está sendo substituído pelo mundo do saber, pelo mundo do viver”; 2) “Tanto o adestrador quanto o colonizador começam por desterritorializar o ente atacado quebrando-lhe a identidade, tirando-o de sua cosmologia, distanciando-o de seus sagrados, impondo-lhe novos modos de vida e colocando-lhe outro nome. O processo de denominação é uma tentativa de apagamento de uma memória para que outra possa ser composta”; 3) “Os indígenas viviam no Brasil em um sistema de cosmologia politeísta. Viviam integrados cosmologicamente, não viviam humanisticamente. Chegaram então os portugueses com as suas humanidades, e tentaram aplicá-las às cosmologias dos nossos povos. Não funcionou. Surgiu assim o contracolonalismo”; 4) “Enquanto a sociedade se faz com os iguais, a comunidade se faz com os diversos. Nós somos os diversos, os cosmológicos, os naturais, os orgânicos. Não somos humanistas, os humanistas são as pessoas que transformam a natureza em dinheiro, em carro do ano. Todos somos cosmos, menos

os humanos. Eu não sou humano, sou quilombola. Sou lavrador, pescador, sou um ente do cosmos. Os humanos são os eurocristãos monoteístas. Eles têm medo do cosmos. A cosmofoobia é a grande doença da humanidade"; 5) "Do lado oposto dos humanistas estão os diversos – os cosmológicos ou orgânicos. Se os humanos querem sempre transformar os orgânicos em sintéticos, os orgânicos querem apenas viver como orgânicos, se tornando cada vez mais orgânicos. Para os diversos, não se trata de desenvolver, mas de envolver. Enquanto nos envolvemos organicamente, eles vão se desenvolver humanisticamente. A humanidade é contra o envolvimento, é contra vivermos envolvidos com as árvores, com a terra, com as matas. Desenvolvimento é sinônimo de desconectar, tirar do cosmo, quebrar a originalidade"; 6) "no sistema cosmológico, não há refluência. A água não refluí, ela transfluí e, por transfluir, chega ao lugar de onde partiu, na circularidade. Ou seja, ela vai na correnteza, encontra outras águas, fortalece-se na correnteza, mas ao mesmo tempo evapora, percorre outro espaço, em forma de nuvem, e chove. A chuva vai para outros lados, mas também volta para as nascentes. As nascentes saem do Cerrado e vão confluindo. Confluindo e transfluindo, elas também evaporam e retornam em forma de chuva. Elas não vêm pelo mesmo percurso, caminho ou curso. Elas vêm na circularidade. Transfluem e confluem, mas não refluem. Só no transporte é possível refluir: você pode ir e voltar. A refluência só existe na linearidade. Quando não há circularidade, você vai ter que voltar por onde você foi. Na transfluência não há volta, porque ela é circular. Ao mesmo tempo que algo vai, fica; ao mesmo tempo que fica, vai – sem se desconectar".

A partir desta contextualização do que é cosmologia (cosmológico) no pensamento contracolonial de Nego Bispo, compreendemos a sua potência de significação para a reflexão sobre a literatura. Quando pensamos em Cosmologias da Literatura ou num modo cosmológico de perceber a literatura, estamos alinhados a esta ocupação do conceito. É neste sentido que cosmologias da literatura foram definidas no início deste texto. Trata-se não apenas de um método, mas de um modo orgânico e holístico de sentir e pensar, interpretar, o fenômeno literário. Cada abordagem do conceito de cosmologia/cosmológico destacada acima, abrange o literário e a literatura, além da reflexão sobre ela, como a entendemos. Uma reflexão, como dissemos, integral - cosmológica. Este modo está alinhado ao conceito de cosmopercepção (*worldsense*) de Oyewùmí. Tanto o modo cosmológico de Nego Bispo quanto a cosmopercepção de Oyewùmí são modos de ser/perceber e interpretar/relacionar-se com o mundo. Neste sentido, há uma confluência entre estes dois pensadores embora seja necessário nuançar a compreensão mesma dos conceitos e como elas são percebidas por nós. A esta altura de nossa reflexão sobre as Cosmologias da Literatura, apresentadas ainda no início de um processo de construção de pensamento/sentimento, temos uma série de termos e denominações que precisam de detalhamento e contextualização. Acreditamos que a sistematização nos levará a sentir os ventos dessas encruzilhadas como um processo gradual de sistematização conceitual. As cosmopercepções contracoloniais e amefricanas são um conceito que fundamenta e oferece a possibilidade de pensar a literatura, entre várias coisas, de outras maneiras. Nesta nossa pesquisa, chamamos estas outras maneiras de Cosmologias da Literatura.

6. Considerações finais

Diante das reflexões apresentadas, impõe-se a necessidade de avaliar suas implicações teóricas e institucionais. Estas são as questões que nos fazem pensar ao chegarmos aqui. A produção acadêmica parece não ter o impacto que precisa. Não falamos de impacto em índices estatísticos de citações ou rankings de excelência. Falamos e queremos falar de pessoas. Se há uma primeira resposta para a nossa primeira questão é a de que, de tudo o que foi dito ao longo deste texto, queremos que sobre algum sentido. Talvez a percepção de que a teoria da literatura é importante, mas que ela precisa sempre ser questionada e nunca simplesmente aplicada a um determinado texto ou seguida como a um livro sagrado de um culto de iniciados que parecem não viver além das lombadas de velhos livros empoeirados e certezas já inexistentes. A noção de que a visão de mundo ou cosmopercepção é um ponto fundamental de nossas vidas e que precisamos ter atenção a como nos colocamos no mundo, diante do mundo, diante de tudo no mundo. Se é para pessoas que queremos que esta pesquisa se volte e faça sentido, é para pessoas que desejam emancipar-se. Não há, obviamente, uma receita para a emancipação e esta pesquisa, por seu caráter introdutório e transitivo, não traz qualquer ligação imediata com as lutas por emancipação. Antes de

seguir, para responder a segunda pergunta, não queremos que se faça nada depois. Talvez a ideia de fazer algo depois de passar anos refletindo sobre as questões que foram desenvolvidas nesta pesquisa, seja uma tarefa que fica exclusivamente para mim, que carrego as consequências da autoria, que carrego o peso de uma carreira acadêmica e de um ofício de docente universitário, servidor público, que precisa dar uma resposta à sociedade por conta do pagamento que recebo todos os meses. Quem deve fazer algo depois de tudo o que foi dito aqui, sou eu. Coloca-se, portanto, o desafio de repensar práticas pedagógicas e estruturas curriculares. Como retornar à sala de aula e tomar as mesmas ementas e disciplinas num curso de Letras construído pelo eurocentrismo da academia brasileira? Não tenho as respostas ainda e o único sentido que vejo está na esperança de dar o próximo passo numa trajetória que se pautou sempre na construção de um determinado tipo de conhecimento acadêmico: a reflexão sobre a literatura. Já falamos muito sobre mim e as consequências que pesam sobre minhas escolhas. Voltemos à primeira pergunta, à ideia de emancipação. Luta, resistência, existência, esperança. Essas são as características que encontramos na emancipação. Uma segunda resposta para a nossa primeira questão terá um primeiro esboço nas páginas que se seguem, para que fechemos esta pesquisa e possamos seguir a tentar viver as nossas vidas.

Essa formulação pode ser compreendida como uma cosmologia do desato emancipatório. O que é uma cosmologia já vimos Nego Bispo explicar. É de Nego Bispo também o método de ocupar palavras, a guerra de denominações. Inspirado nele temos diante de nós a ideia de um desato. O ato como conceito filosófico eurocêntrico é um movimento realizado, definitivo, único e irrepetível. Queremos ocupar esta ideia de “ato” como verbo atar. Desatar, portanto, é tentar se libertar dos imperativos do ato como algo irrepetível, único e definitivo. Desatar é libertar-se para poder olhar para vários lados ao mesmo tempo e com isso buscar a emancipação. A cosmologia do desato emancipatório que propomos aqui não é uma tarefa ou uma obrigação. É um sopro de vida para quem está enredado cotidianamente nos grilhões e chibatas do colonialismo, do capitalismo, do heteropatriarcado, das forças centrípetas da institucionalidade e da burocracia, na adição programada das redes sociais, na violência de uma vida voltada para o consumo e a produtividade, seja numa escala 6 x 1, trabalho escravizado e vazio, seja a produtividade acadêmica de produzir continuamente artigos e formulações teóricas sob exigências institucionais crescentes para cumprir metas de programas de pós-graduação ou agências de fomento, para garantir os centavos do parco financiamento que resta para as ciências humanas e sociais, enquanto os orçamentos de guerra não comem o que restou. Uma cosmologia do desato emancipatório é um vagar necessário diante do horizonte para respirar, olhar o mundo à nossa volta e tentar observar o quanto ainda precisamos lutar e resistir cada vez mais. Essa cosmologia do desato emancipatório passa por considerarmos de uma vez por todas as emergências globais (climáticas, sociais, epistemológicas etc.); passa por uma variação do desato emancipatório através do desato vadio-responsivo; passa por essas questões e chega ao suspiro de nos vermos ainda protegidos por uma rede de comunidades emancipatórias. Passa por essas reflexões e volta a si mesma. Começo. Meio. Começo.

A cosmologia do desato emancipatório é uma formulação crítica que emerge diante das tensões estruturais contemporâneas, que nos grita de volta ao tempo em que ecoa vários gritos que já foram dados e outros que ainda o serão. Um grito que nunca damos sozinhos, pois que somos seres coletivos e vivemos numa rede de afetos que ainda deixa-nos esperar apesar de todos os crimes e violências sofridas. As notícias não são animadoras, mas elas nunca foram, pelo menos desde quando a primeira caravela europeia singrou o Atlântico e destruiu o mundo, tornando-o o que conhecemos hoje. Esse cenário contemporâneo, marcado por disputas políticas intensificadas e pela reconfiguração de forças ideológicas e tentando impor a cosmovisão. A cosmologia do desato emancipatório é um desejo e um sonho que está a ser construído do lado de cá da linha abissal em cada corpo-território indígena e quilombola, sertanejo, latino-americano, africano, asiático, em cada um de nós que ainda pode sonhar, lutar e resistir para sobreviver mais um dia, mais uma era, como um processo histórico dinâmico, marcado por continuidade e transformação. Nunca?

Pensar no estado dos estudos literários e na relação entre epistemologia e cosmovisão, eurocentrismo, sempre sob o signo da crise para depois pensar nas cosmopercepções contracoloniais e amefricanas e nas cosmologias da literatura são movimentos exaustivos quando cotejados com as notícias cotidianas atiradas pelos jornais, pelos canais de notícias “isentas”. Os extremos climáticos, o genocídio do povo palestino, as violências racistas cada vez mais brutais e comuns são manchetes diárias, repetitivas, insistentes, que

causam medo, pânico e pavor quando esperamos apenas ser a próxima vítima. Seja de uma enchente, seja de um tiro, seja de um estupro, seja de um presidente da república que se mancomuna com outros bilionários para destruir tudo o que restou no mundo. E nas universidades temos as emergências epistemológicas que gritam, gritam cada vez mais alto para que encerremos de vez o epistemicídio e percebamos o mundo e os saberes de forma plural.

O percurso argumentativo desenvolvido neste estudo evidencia que as categorias de aquilombamento e escrituragem, articuladas às noções de cosmopercepção e contracolonialismo, oferecem instrumentos analíticos consistentes para a reconfiguração da teoria da narrativa literária. Ao deslocar o eixo interpretativo eurocêntrico e propor uma abordagem amefricana, o trabalho contribui para a ampliação do horizonte epistemológico dos estudos literários contemporâneos, sem prescindir do diálogo crítico com a tradição teórica ocidental.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Akotirene, C. (2023). *Interseccionalidade*. Jandaíra.
- Bakhtin, M. (2010a). *Para uma filosofia do ato responsável*. Pedro & João Editores.
- Bakhtin, M. (2010b). *Questões de literatura e de estética: A teoria do romance*. HUCITEC.
- Bakhtin, M. (2016). *Os gêneros do discurso*. Editora 34.
- Bakhtin, M. (2018). *Teoria do romance II: As formas do tempo e do cronotopo*. Editora 34.
- Carneiro, S. (2023). *Dispositivo de racialidade: A construção do outro como não ser como fundamento do ser*. Zahar.
- Evaristo, C. (2014). *Olhos d'água*. Pallas.
- Evaristo, C. (2023). *Ponciá Vivêncio*. Pallas.
- Fanon, F. (2022). *Os condenados da terra*. Zahar.
- Jesus, C. M. de. (1986). *Diário de Bitita*. Nova Fronteira.
- Jesus, C. M. de. (2020). *Quarto de despejo: Diário de uma favelada*. Ática.
- Júnior, I. V. (2019). *Torto arado*. Todavia.
- Kopenawa, D., & Albert, B. (2015). *A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami*. Companhia das Letras.
- Krenak, A. (2020). *A vida não é útil*. Companhia das Letras.
- Krenak, A. (2022). *Futuro ancestral*. Companhia das Letras.
- Maciel, M. E. (2016). *Literatura e animalidade*. Civilização Brasileira.
- Oyèwùmí, O. (2021). *A invenção das mulheres: Construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero*. Bazar do Tempo.
- Rufino, L. (2019). *Pedagogia das encruzilhadas*. Mórula Editorial.
- Said, E. (2007). *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*. Companhia das Letras.
- Santos, A. B. dos. (2015). *Colonização, quilombos: Modos e significados*. Editora UnB.
- Santos, A. B. dos. (2023). *A terra dá, a terra quer*. Ubu Editora; PISEAGRAMA.
- Sousa, H. H. de L. (2019). *As arquitetônicas sertanejas da ficção de João Guimarães Rosa*. Pedro & João Editores.
- Sousa, H. H. de L. (2024). Uma leitura contracolonial do romance *Torto arado* de Itamar Vieira Júnior. *Revista Fórum Identidades*, 39(2), 103–114. <https://doi.org/10.47250/forident.v39n2.p103-114>
- uspfflch. (2021, 13 de março). Aquilombar o Antropoceno, Contra-colonizar a Ecologia: confluências entre Malcom Ferdinand e Antonio Bispo [Vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=7RCuzE6b83k>